



PATRICK TOMLINSON ASSOCIATES

PORQUE É QUE UMA CRIANÇA TRAUMATIZADA FOGE?
PATRICK TOMLINSON (2015, revisto em 2021)
Traduzido por Maria João Braga da Cruz

Nota de introdução: Escrevi este texto em 2015, revi-o um pouco em 2021 e, recentemente, a Maria João Braga da Cruz ofereceu-se gentilmente para traduzi-lo para português. Curiosamente, ela considerou que não existe uma tradução exata em português para a forma como a palavra “truant” é utilizada em partes deste artigo. Os seus comentários abaixo, em itálico, são úteis e interessantes.

No processo de tradução deste artigo, refletiu-se sobre a melhor forma de expressar a intenção de utilizar o termo "truant". A tradução literal de "truant" em português seria "faltoso", aquele que falta às aulas e "truancy", que se traduz por "absentismo". No entanto, a aplicação do termo "truant" neste artigo, vai para além disso, refere-se àquele que escapa do lugar onde se espera que esteja.

Adjetivar uma mente de "truant", é referir-se a uma mente que, através desta ausência, está à procura de algo. Um bom exemplo é o de um corpo que está presente, mas cuja mente se evade de estar presente. Em última análise, aplicar o conceito de "truant" é convidar-nos a pensar naquele que está ausente, numa perspetiva dinâmica que vai para além da ausência física. A criança ou o jovem que está ausente pode estar simultaneamente a evadir-se de algo e a evadir-se ao encontro de algo. Partindo desta premissa, que explica o termo mais completo e complexo em inglês, e dado que não existe um termo exatamente igual em português, optou-se por substituir o conceito de "truant" por outros conceitos de acordo com o significado mais apropriado ao contexto, ex. aquele cuja mente o impele a evadir-se, a estar ausente. (Maria João Braga da Cruz, 2024)

“EU COMECEI A FUGIR QUANDO TINHA 5 ANOS. SÓ NA IDADE ADULTA PERCEBI QUE O QUE EU QUERIA MESMO ERA QUE ALGUÉM VIESSE ATRÁS DE MIM QUANDO EU FUGIA.”

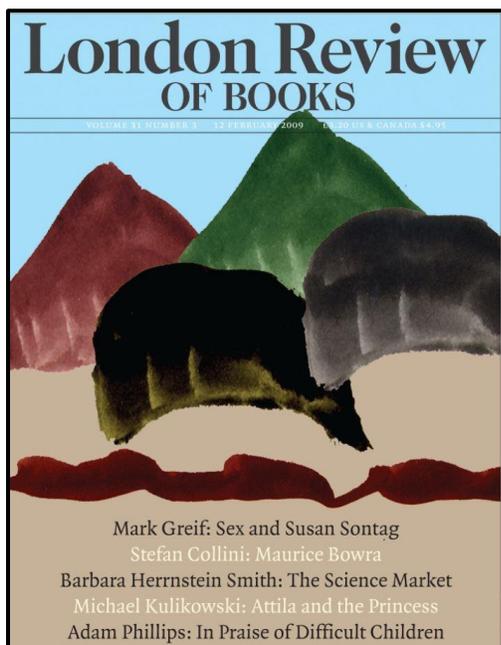
WILLIE AAMES

Tenho estado a pensar na relação entre trauma e fuga. Fugir é também por vezes referido como estar desaparecido ou como absentismo - faltar à escola sem licença ou sem uma boa razão. Pode estar associado à adolescência e não é necessariamente uma ocorrência invulgar. No trabalho com crianças e jovens traumatizados, a fuga pode ser um dos temas mais difíceis e perturbadores. No entanto, sendo um tema universal, é um dos assuntos mais importantes sobre o qual temos de encontrar uma forma de pensar e trabalhar. Não podemos simplesmente "fechar" as crianças problemáticas ou, ironicamente, "expulsá-las" depois de terem regressado da fuga.

Utilizo a citação de Willie Aames porque penso que ela apresenta pelo menos três pontos úteis. Um deles é o facto de a fuga, tal como acontece com muitos comportamentos, poder ter

diferentes significados subjacentes. Em segundo lugar, Aames dá a entender que o seu comportamento era uma forma de comunicação. Também parece que ninguém se deu conta da sua comunicação do modo que ele inconscientemente esperava. Em terceiro lugar, ele deixa claro que a sua visão consciente só surgiu muitos anos mais tarde. Assim, em criança, ele não sabia porque estava a fugir. Se lhe tivessem perguntado, provavelmente não teria conseguido dar uma resposta com sentido. Embora a citação diga que ele queria que alguém corresse atrás dele, isso não explica porque é que ele teve o impulso de fugir. Porque é que o impulso se desenvolveu quando ele tinha cinco anos?

Para a maioria das crianças, há uma altura no seu desenvolvimento em que se apercebem que podem fugir. Isso pode ser apenas um sinal de que a criança tem uma curiosidade saudável sobre o que mais pode estar lá fora. A criança apercebe-se de que tem o potencial para sair do mundo dos pais. Pode ser uma forma de experimentar ultrapassar os limites. Para fugir é preciso ultrapassar uma linha. Esta possibilidade, que é mais um interesse pela exploração e pela descoberta, pode entrar na imaginação e nas fantasias da criança, mesmo que não seja posta em prática. Será que o desejo de fugir é um movimento em direção à independência? "Uma vez corri para ti, agora vou fugir de ti", como diz a letra da canção "*Tainted Love*". Curiosamente, isto pode aplicar-se à desilusão natural que uma criança pode sentir em relação aos seus pais no processo de separação e individuação. O psicoterapeuta



Adam Phillips no seu artigo, "In Praise of Difficult Children" (2009) diz

"Uma mente errante tem de ter algo de onde fugir e algo para onde fugir. Os adultos proporcionam algo de que fugir e os adolescentes têm de descobrir algo para o qual fugir. Em termos psicanalíticos diretos, os adolescentes fogem dos pais como objetos de desejo proibidos, como pessoas que os privaram; evadem-se para objetos de desejo acessíveis, para a possibilidade de compensar as privações inevitáveis que sofreram ao crescer com os pais, para o sexo que os pais não podem proporcionar¹. A evasão tem algo de utópico, e a não evasão tem algo de indevidamente estoico ou derrotado. A mente que é impelida a faltar é importante porque é a parte de nós que quer sempre algo melhor; e também precisa de se deparar com

resistência para garantir que esse algo melhor é real e não apenas uma fantasia."

A criança pode sentir-se entusiasmada e ligeiramente receosa quanto às possibilidades. Uma criança traumatizada pode ter ligações muito mais perturbadoras com o impulso de fugir. O trauma acontece quando uma pessoa é confrontada com uma situação assustadora da qual é

¹ Enquadrar a referência do sexo.

impossível escapar. A impotência leva a um terror avassalador, que é traumatizante (Herman, 1992). O corpo é incapaz de escapar, deixando a mente e o corpo sem proteção contra o terror total do que está a acontecer. A única forma de fuga, especialmente para as crianças que enfrentam traumas repetidos como o abuso, pode ser a dissociação. Por outras palavras, as suas mentes afastam-se do corpo. Como se não estivesse a acontecer com elas. Os mecanismos fisiológicos e psicológicos são acionados para reduzir a dor e aumentar as hipóteses de sobrevivência. Como resultado, a criança pode sentir que o seu corpo é inútil para ela. Pode sentir-se desiludida com o seu corpo e envergonhada pelo seu "fracasso" em escapar (Van der Kolk, 2014). Muitas vezes vemos crianças traumatizadas a quem faltam competências físicas básicas. Muitas têm dificuldades de coordenação e podem parecer desajeitadas. A autoestima deteriora-se e o problema de ter um corpo e uma mente incompetentes acentua-se.

À medida que a criança começa a recuperar do trauma, começa a ganhar confiança. Tornar-se física e mentalmente mais capaz. Pelas razões que mencionei, ganhar um sentido de domínio físico é extremamente importante para estas crianças. A corrida pode ser uma dessas áreas de domínio, juntamente com outras atividades físicas. Os seus corpos, anteriormente "inúteis", começam agora a sentir-se mais capazes. Uma consequência disto é que podem agora experimentar a fuga. Se uma criança pequena não conseguiu escapar a situações aterradoras às mãos de um adulto, à medida que cresce, deve ser libertador poder fugir. A mensagem pode ser que já não sou impotente e que posso fugir quando necessário. Apenas a experiência de que isso é possível pode ser suficiente. A criança não pode necessariamente confiar que não haverá uma necessidade num determinado momento.

Se uma criança traumatizada se sentir fortalecida pelo facto de poder fugir, isso pode ser, de certa forma, um importante passo em frente. Se for esse o caso, temos de ter cuidado para não sermos punitivos e duros na nossa reação.

Isto seria um pouco como punir uma vítima por ter desistido do seu papel de vítima.

“Eu queria fugir de tudo, mas eu queria fugir em direção a alguma coisa, também.”

Sheerwood Anderson, Winesburg, Ohio

Acrescentaria que, de um modo geral, é bom não ser punitivo e duro para com uma criança traumatizada. Isso não é suscetível de induzir um sentimento de querer ficar. O que fazemos quando a criança regressa pode ser de crucial importância. Como é que expressamos a nossa preocupação, mas também lhe damos espaço para discutir, explorar e dizer tudo o que possa ser importante? Ela sente-se bem-vinda? Como é que nos sentimos por a termos de volta? Por vezes, as pessoas podem sentir-se aliviadas e zangadas ao mesmo tempo. Mesmo que haja um aspeto saudável do desenvolvimento de uma criança que foge, não é provável que as pessoas de quem se foge o acolham bem. Então, quais são os tipos de questões a considerar? Uma questão bem

conhecida e fundamental é saber se a pessoa está a fugir de ou para alguma coisa. Ou, como refere o romancista americano Sherwood Anderson (2012, p.220), poderão ser as duas coisas?

A pessoa pode estar a fugir de algo externo ou interno, ou de ambos. De si própria ou de alguém. A pessoa em fuga pode ser, como sugere Phillips (2009), "alguém que está a tentar escapar da sua própria casa porque está a acontecer uma guerra". Por um lado, "a guerra" pode ser interna. Se a criança tem sentimentos violentos, fugir pode parecer uma forma de se proteger a si própria e aos outros de agir de acordo com esses sentimentos. Sabemos que a luta-fuga é uma das respostas às ameaças. A fuga pode parecer uma resposta melhor do que a luta. Por outro lado, pode estar a acontecer alguma coisa na situação de vida da qual a criança está a fugir. Por exemplo, está a ser vítima de *bullying*? Alguém está a atraí-la para longe? Existem situações inseguras e assustadoras das quais ela está a fugir ou para as quais está a fugir? A criança sente-se mais segura, mais livre e com mais controlo quando está longe das pessoas? Está a fugir da vulnerabilidade de estabelecer uma boa relação? Há algo positivo para o qual ela está a fugir? Por exemplo, o desejo de se reunir com a família. Para além de sentirem a falta da família, as crianças que são retiradas e que estão sob cuidados sentem-se frequentemente preocupadas com o bem-estar dos seus pais e irmãos. Apesar de podermos estar apreensivos com a situação familiar, o desejo de ligação é natural (Coman e Devaney, 2011, p.42).



A organização britânica Missing in Care (2021) efetuou uma auscultação às crianças e jovens que estão ao cuidado de uma autoridade local. No Reino Unido, definir se uma criança está ausente do acolhimento (Missing in Care), em vez de desaparecida, baseia-se numa avaliação de risco. A ausência é considerada um risco menor do que o desaparecimento. Por exemplo, uma criança pequena pode ser considerada desaparecida após um período de tempo relativamente curto, enquanto uma criança mais velha e mais madura pode ser considerada ausente. A avaliação baseia-se na vulnerabilidade, idade, historial, etc. Missing in Care (2021, p.2) refere,

"As crianças que são cuidadas no sistema de acolhimento têm uma probabilidade desproporcionada de desaparecer. Uma em cada dez crianças acolhidas desaparecerá, em comparação com uma em cada duzentas crianças em geral. Têm também uma probabilidade muito maior de serem dadas como desaparecidas em diversas ocasiões: em 2020, mais de 12 000 crianças acolhidas desapareceram em mais de 81 000 incidentes de desaparecimento. Cerca de 65% das crianças acolhidas desaparecidas foram dadas como desaparecidas mais do que uma vez em 2020."

O Departamento de Educação do Reino Unido (p.4) explica que "as crianças em instituições de acolhimento residencial correm especial risco de desaparecer e são vulneráveis à exploração sexual e de outro tipo". Sintetizam as razões para as crianças fugirem, tais como abuso ou negligência, para irem para um sítio onde querem estar, ou por coerção. Realçam que cerca de 25% das crianças que desaparecem correm o risco de sofrer danos graves.

A fuga de uma criança pode também ser uma experiência extremamente difícil para as pessoas que estão a ser deixadas para trás. Pode parecer que a criança está a rejeitar os cuidados que lhe são oferecidos. Pode haver muita preocupação e ansiedade. Quando comecei a trabalhar a tomar conta de dez rapazes traumatizados, não demorou muito até que me deparasse com uma criança a fugir. Dada a falta de preocupação das crianças com a segurança e a sua vulnerabilidade, os riscos eram significativos. Estávamos numa comunidade terapêutica numa quinta, a cerca de seis quilómetros da cidade mais próxima. Por vezes, quando um rapaz que tinha fugido chegava ao exterior da comunidade, regressava já cansado do seu esforço! Esta era uma vantagem da localização. Fugir não colocava as crianças em perigo tão imediato como numa cidade. Há muitos casos relatados de crianças que estão fora de casa e que se envolvem com gangues, drogas, exploração sexual, etc. Este facto provoca inevitavelmente uma enorme ansiedade nos adultos que cuidam das crianças. A ansiedade pode aumentar de tal forma que toda a atenção se concentra em impedir que a criança fuja e pouco em pensar porque é que ela o está a fazer.

Devemos também prestar atenção aos nossos sentimentos e pensamentos enquanto a criança está "desaparecida". O que é que a fuga está a evocar em nós? Por exemplo, estará a criança a projetar em nós alguns dos seus medos? Estará a dar-nos uma amostra do que é ser abandonado e fugir?

Um colega, Tuhinul Islam Khalil (2013) mencionou que, no Bangladesh, as crianças que viviam num grande lar residencial onde ele trabalhava estavam frequentemente a fugir e a "saltar fora". O contacto com as mães das crianças não era encorajado, uma vez que muitas delas eram trabalhadoras do sexo. Tuhinul reconheceu que as crianças precisavam das suas "mães". Alterou a política da organização para que,

a mãe pudesse vir visitar sempre que quisesse. Nem sequer precisam de marcar hora para vir. Assim, como que por magia, num mês a taxa de abandono escolar quase desapareceu.

Os jovens que consultámos querem que os educadores, os técnicos e a polícia evitem fazer suposições sobre eles e sobre a razão pela qual podem ter fugido. Estes profissionais devem tentar compreender as suas razões, reconhecendo que cada criança é diferente e que enfrenta desafios diferentes.

Fazendo referência a citações de jovens, Missing in Care (p.17) afirma,

Todos somos diferentes, por isso não nos tratem a todos da mesma forma, fazemos as coisas por razões diferentes, é preciso saber, e, ... falem comigo, conheçam-me, não me julguem, compreendam porque é que eu posso desaparecer e ajudem-me a gerir esses sentimentos e situações antes das coisas ficarem descontroladas. Os jovens desaparecem por uma razão, tentem compreender isso. Quando desaparecermos, não se zanguem nem nos façam sentir mal.

É interessante notar que os jovens consultados estão, de facto, a dizer: "Pensem no significado do comportamento". Voltando aos meus tempos de andar pelos campos lamacentos à procura de crianças que fugiam. Por vezes, encontrava a criança e ela regressava comigo. Muitas vezes, parecia um jogo do gato e do rato. Isto podia ser excitante para a criança e talvez, por vezes, para o adulto. Passadas algumas horas, a criança regressava normalmente por sua própria iniciativa para tomar um banho quente e comer. Simon Bain, um residente desta comunidade terapêutica na década de 1970, comentou (2012),

Embora se possa dizer que não fui um sucesso, as recordações mais engraçadas e, na verdade, as que mais me agradam são as "fugas" que costumávamos fazer, com os cuidadores a passarem metade da noite atrás de nós.

Isto levanta a questão de saber se a necessidade de "fugir e ser encontrado" pode ser integrada na vida quotidiana. Por exemplo, jogos do tipo "às escondidas" ou atividades de orientação mais aventureiras para crianças mais velhas. O jogo das escondidas é um jogo de infância universalmente popular. Winnicott (1963, p.186) disse que este jogo pode ser tão significativo,

É uma alegria estar escondido e um desastre não ser encontrado.

A criança tem um desejo simultâneo de estar escondida e de ser encontrada. Simbolicamente, isto pode representar o eu interior da criança, que está escondido, mas também deseja ser encontrado. Algumas crianças podem sentir que ninguém se preocupa o suficiente para as procurar e encontrar. Podem sentir que nem sequer são notadas e vistas. " Longe da vista, longe do coração", como é muitas vezes a realidade das crianças traumatizadas. Phillips (2009) afirma,

... a criança que se ausenta, está a fazer experiências: está a descobrir se as palavras do adulto são de confiança, se o adulto o vigia, se a palavra do adulto é a sua garantia, se pode resistir ao castigo do adulto, ou mesmo ao ódio. Descobre-se de que são feitas as regras, tentando quebrá-las.

Na minha experiência, por vezes, quando uma criança fugia, ser eu a ir procurá-la podia parecer uma atividade preferível a algumas das alternativas, como limpar a casa ou participar numa reunião difícil. É claro que não podíamos facilmente reconhecer este facto, mas ele realça uma das dinâmicas possíveis. Como adultos, o que é que podemos ter investido na fuga da criança? Poderá a criança estar a fugir para o adulto? Estará a criança a fugir de algo que sente que se passa entre os adultos? Pensar no que fazemos e sentimos em resposta à criança que foge

pode dar-nos uma pista útil. Tal como no exemplo anterior, o adulto pode querer impedir a criança de fugir e, ao mesmo tempo, querer juntar-se ao seu absentismo. O psicoterapeuta Adam Phillips (2009) afirma

O resultado de tudo isto é que os adultos que tomam conta dos adolescentes têm de simultaneamente querer que eles se comportem mal e tentar impedi-los; e para o poderem fazer, os adultos têm eles próprios de gostar de ter mentes errantes. Têm de acreditar que a evasão é boa e que as regras são boas. "A coisa mais bela do mundo", escreveu Robert Frost nos seus cadernos de notas, "são os interesses em conflito quando ambos são bons". Alguém com uma mente errante acredita que o conflito é o objetivo, não o problema. O trabalho da mente faltosa é manter o conflito tão vivo quanto possível, o que significa que os adolescentes só são livres para serem adolescentes se os adultos forem livres para serem adultos. Os verdadeiros problemas surgem quando um ou outro lado está determinado a resolver o conflito: quando os adolescentes são autorizados a viver num mundo de puro impulso, ou os adultos precisam que eles vivam num mundo de lei incontestável. Neste sentido, a terapia para adolescentes deve ter como objetivo a criação de problemas - ou a clarificação dos mesmos - e não a sua resolução.

Este facto sugere que, ao mesmo tempo que queremos que as crianças estejam seguras e não falem/ fujam, também temos de reconhecer o possível valor da falta/ fuga para a criança. Se faltar às aulas é especialmente comum na adolescência, isso sugere que faz parte de um processo, possivelmente de separação, descoberta e experimentação. Não é difícil identificarmo-nos com o comentário de Phillips,

Quando se brinca a estar ausente, é mais divertido.

Numa das sessões de formação em que participei nos primeiros tempos da minha carreira, vimos um vídeo do psicólogo Bruno Bettelheim (1986, Parte 2, 5.58), falando sobre o seu trabalho pioneiro na Orthogenic School de Chicago, que explicava que, por vezes, não era possível impedir uma criança de fugir, por isso, em vez de "correr atrás dela", tentavam " fugir com ela".



"Uma das mudanças que fiz quando assumi a escola foi mudar todas as fechaduras e acabar com todas as chaves. Porque quando tomei posse, todas as portas tinham uma fechadura e as crianças podiam ficar trancadas. Achei que isso era uma abominação. Por isso, tirei todas as fechaduras de todas as portas do interior da instituição e, assim, as fechaduras passaram a ser só para o exterior. As portas de entrada podiam ser trancadas contra o exterior, mas não contra o interior. Assim, qualquer criança que quisesse fugir podia fugir - o que, em suma, acabou com a maioria das fugas. No entanto, no início, havia sempre algumas crianças que tinham de fugir. O que

tentámos fazer foi pôr um membro do pessoal a correr com elas e a acompanhá-las, mas não a correr atrás delas, porque correr atrás de uma criança é muito arriscado. Ela pode correr para a rua, para a frente de um carro em sentido contrário. Por isso, quando corremos com a criança, temos de ser muito claros: é para lhe fazer companhia para onde quer que ela queira ir e para a proteger de todos os perigos da fuga. Mas não para a trazer de volta ou forçá-la a regressar.”

Na altura, achei que esta era uma forma perspicaz de reenquadrar o problema. Talvez, por vezes, o nosso trabalho não fosse impedir uma criança de fugir, mas sim tornar a fuga segura. Estar ao lado da criança. Pode haver outras coisas que podemos fazer para ajudar a melhorar a segurança. Por exemplo, se acharmos que um jovem é suscetível de fugir, podemos certificarnos de que ele tem números de telefone úteis que pode utilizar se precisar de ajuda. De acordo com Streitfeld (1990), Bettelheim também se identificava com a mente errante.

Ou quando se descobriu que uma criança faltava à escola, em vez de a castigar, Bettelheim admitiu: "Se eu tivesse coragem, também teria faltado à escola. O único problema é que eu não era suficientemente corajoso. Ele deve ter uma boa razão para não querer ir. Pergunto-me qual será". O objetivo não era desculpar; era compreender.

Por vezes, uma criança pode fugir sozinha e outras vezes com outra criança ou grupo de crianças. Este facto pode levantar preocupações e questões adicionais. Por exemplo, será que uma ou mais crianças estão a abusar de outra? O que é que elas fazem quando estão fora? Estão a participar em atividades delinquentes? Se eles se sentirem entusiasmados com a fuga dos adultos, estaremos a piorar a situação se nos juntarmos à perseguição? Se não o fizermos, seremos como pais negligentes? O que acontece às crianças que não se juntam à fuga? Será que a nossa atenção sobre elas é descurada, o que faz com que fugir se torne uma forma de ganhar atenção? Será que o que estamos a proporcionar em casa é interessante, nutritivo e estimulante, de modo a que haja uma maior atração para ficar do que para partir?

Conhecer o historial da criança pode também dar-nos pistas importantes. Existe um padrão de fuga na vida da criança? Houve pessoas importantes na vida da criança que fugiram? A família esteve sempre em movimento? Se a criança fugiu antes, o que é que aconteceu depois? Foi castigada ou transferida para outro local? Fugir é uma forma de teste para ver o que vamos fazer?

Fugir pode também ser um desejo simbólico de escapar a medos e situações. Estes podem estar ligados ao passado e não a uma realidade atual. Uma criança traumatizada sente que o trauma ou a possibilidade de o sofrer ainda está presente. Será que estar em movimento é uma forma de evitar a dor? Se a criança tivesse alguém ao seu lado para a conter e trabalhar com a sua dor, será que a necessidade de fugir mudaria? Se nos esforçarmos por enfrentar a dor, será que a necessidade de fugir pode piorar? Pensar no significado simbólico da fuga pode ser uma área útil a explorar. Um psicólogo, Rudy Gonzalez, explicou-me um exemplo útil. Ele tinha reparado na Austrália que as crianças numa casa de acolhimento corriam frequentemente para uma linha de comboio próxima. Os jovens e adultos que têm "problemas de comportamento" são frequentemente referidos como estando "descarrilados" ou "fora da

linha". Rudy refere-se (Barton et al., 2012, p.99) a Sharon que podia ser frequentemente encontrada junto à linha do comboio.

Poderíamos ter julgado o comportamento da Sharon como sendo apenas destrutivo, o que poderia ter resultado numa resposta punitiva. Em contrapartida, ver o comportamento como uma tentativa de passar ao ato um desejo positivo, que era o de entrar no "caminho certo", levou a uma resposta mais empática. Através do seu comportamento, a Sharon introduziu o símbolo da linha do comboio. As metáforas de viagem, como os comboios e as linhas de comboio, estão cheias de possibilidades simbólicas - excitação, inveja dos que estão no comboio, perigo, mudança, fuga, estar em movimento, uma nova vida.

Penso que este é um bom lugar para terminar, pois há muito para refletir sobre este assunto.

References

Anderson, S. (2012) *Sherwood Anderson: Collected Stories: Winesburg, Ohio / The Triumph of the Egg / Horses and Men / Death in the Woods / Uncollected Stories*, Library of America

Bain, S. (2102) Comment posted on John Whitwell: A Personal Site of Professional Interest, www.johnwhitwell.co.uk

Barton, S., Gonzalez, R. and Tomlinson, P. (2012) *Therapeutic Residential Care for Children and Young People: An Attachment and Trauma-informed Model for Practice*, London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers

Bettleheim, B. (1986) Documentary Horizon

Part 1 - <https://www.youtube.com/watch?v=IEi7QVtk-Ms&t=23s>

Part 2 - <https://www.dailymotion.com/video/x7n0igf>

Coman, W. and Devaney, J. (2011) Reflecting on Outcomes for Looked-after Children: An Ecological Perspective, in, *Child Care in Practice*, vol. 17, No. 1, January 2011, 37-53, Routledge

Department for Education (2014) *Statutory Guidance on Children Who Run Away or Go Missing from Home or Care*, UK Gov: Crown Copyright

https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/307867/Statutory_Guidance_-_Missing_from_care_3_.pdf

Herman, J.L. (1992) *Trauma and Recovery*, New York: Basic Books

Missing People (2021) *Children's Views on Being Reported Missing from Care*, Missing People: Registered charity in England and Wales, and in Scotland

<https://www.missingpeople.org.uk/childrens-views-on-being-reported-missing-from-care>

Phillips, A. (2009) In Praise of Difficult Children, in, *London Review of Books*, Vol. 31 No. 3, 12th February 2009

<https://www.lrb.co.uk/the-paper/v31/n03/adam-phillips/in-praise-of-difficult-children>

Streitfeld, S. (1990) For Bruno Bettelheim, A Place to Die, in, *The Washington Post*

<https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1990/04/24/for-bruno-bettelheim-a-place-to-die/5fa1f843-be85-4eae-966b-0d5abe7b8fb9/>

Tuhinul Islam Khalil Interviewed in July 2013 by Ian Watson, Institute of Research for Social Science (IRISS), UK, *Residential Childcare in Bangladesh*. [Episode: 40]

<http://irissfm.iriss.org.uk/episode/049> (no longer available)

Van der Kolk, B. (2014) *The Body Keeps the Score: Brain, Mind and Body in the Healing of Trauma*, Viking: New York

Winnicott, D.W. (1963) Communicating and not Communicating Leading to a Study of Certain Opposites, in Winnicott, D.W. (1990) *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*, London and New York: Karnac



Patrick Tomlinson Breve biografia: O principal objetivo do trabalho de Patrick é o desenvolvimento de pessoas e organizações. Ao longo da sua carreira, identificou o desenvolvimento como a força motriz relacionada com resultados positivos - para todos, utilizadores de serviços, profissionais e organizações.

A experiência de Patrick estende-se desde 1985 no sector dos serviços informados sobre trauma e vinculação. Começou como cuidador em acolhimento residencial e desde então tem sido chefe de equipa, gestor sénior, diretor, CEO, consultor e mentor. É autor/coautor/editor de numerosos artigos e livros. É um clínico qualificado, líder estratégico e gestor. Trabalhando em muitos países, ajudou a desenvolver modelos terapêuticos que obtiveram reconhecimento nacional e internacional.

Em 2008, criou a Patrick Tomlinson Associates para prestar serviços centrados no desenvolvimento de pessoas e organizações. Os serviços prestados são os seguintes,

- ✓ Desenvolvimento de Modelos Terapêuticos
- ✓ Mentoria de Desenvolvimento, Consultoria e Supervisão Clínica
- ✓ Ferramenta de avaliação de carácter e seleção (CAST) para seleção e desenvolvimento de pessoal

Web Site – www.patricktomlinson.com

Contacto – ptomassociates@gmail.com



Maria João Braga da Cruz Breve Biografia: é Assistente Social (UCP–Lisboa), e trabalha na área da infância e juventude desde 2008. É um dos elementos da equipa técnica da Fundação Lar de Nossa Senhora do Livramento no Porto, uma Casa de Acolhimento Residencial que tem recebido consultoria e supervisão de Patrick Tomlinson desde 2019 e com quem continua a desenvolver diferentes programas que pretendem melhorar constantemente os cuidados prestados às crianças e jovens acolhidas, bem como a promover o desenvolvimento de todos os membros da organização.

Contacto – mariajoabragadacruz@gmail.com